



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

RAFAELA MARTINS LEITE

O LEITO DAS ÁGUAS

FORTALEZA

2020

RAFAELA MARTINS LEITE

O LEITO DAS ÁGUAS

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos

Aprovado em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Paula Perin dos Santos
Universidade Regional do Cariri (URCA)

José Francisco Julião Júnior
TV Jangadeiro

Profa. Dra. Camila Stephane Cardoso Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*À minha avó Rosalba,
cujas marcas vão além dessa narrativa;
à minha mãe Erisvam, pelos traços
deixados dentro e fora de mim;
e às nove mulheres que dão voz
e vida a essa história.*

RESUMO

O trabalho conta a história de duas gerações de mulheres - uma mãe e nove filhas - nascidas e criadas em uma pequena cidade do Nordeste brasileiro. Marcada pela cheia, pela seca e por enredos do cotidiano, a narrativa se constrói ao longo de nove capítulos, que se conectam conforme as personagens são apresentadas. Paraipaba, a cidade em que se desenrola o enredo, também aparece como personagem que permeia toda a trama, desde antes de seu nascimento até os dias atuais. O objetivo do trabalho é apresentar as relações entre matriarcado, tradição e a construção da intergeracionalidade através da história privada de mulheres, especificamente em uma cidade no interior do Ceará. Além disso, buscou-se fazer um retrato histórico do município, cujos registros físicos e referentes à memória vem se perdendo conforme os anos passam. Para realização do trabalho foram realizadas entrevistas com personagens e familiares, pesquisas bibliográficas e inserção em muitos dos locais onde as narrativas se passaram. Dentro deste contexto, as palavras se unem à fotos e documentos para dar cor e voz a uma história que se entrelaça pelo sangue e pelas tradições.

Palavras-chave: mulheres; intergeracionalidade; Paraipaba; Ceará; vida privada

ABSTRACT

The work tells the story of two generations of women - a mother and nine daughters - born and raised in a small town in the Northeast of Brazil. Marked by the flood, drought and daily plots, the narrative is constructed over nine chapters, which connect as the characters are presented. Paraipaba, the city where the plot takes place, also appears as a character that permeates the entire plot, from before his birth to the present day. The objective of the work is to present the relations between matriarchy, tradition and the construction of intergenerationality through the private history of women, specifically in a city in the interior of Ceará. In addition, sought to make a historical portrait of the municipality, whose physical and memory records have been lost as the years go by. To carry out the work, interviews were conducted with characters and family members, bibliographic research and insertion in many of the places where the narratives took place. Within this context, words join photos and documents to give color and voice to a story that is intertwined by blood and traditions.

Keywords: women; intergenerationality; Paraipaba; Ceará; private life

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exemplo de uso de tipografias	26
Figura 2 – Exemplo de recuo	27
Figura 3 – Exemplo de aberturas de capítulo	27
Figura 4 – Ilustração de capa	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.2 Fundamentação teórica	11
1.3 Justificativa	13
1.4 Objetivos	15
2 SUPORTE ADOTADO	15
3 ESTRUTURA DO TRABALHO	16
3.1 Elaboração de pauta e pré-produção	16
3.2 Apuração	17
3.3 Edição	17
3.4.1 Nome	18
3.4.2 Projeto Gráfico	18
4 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICE A - LISTA DE ENTREVISTADOS	24

1. INTRODUÇÃO

A história do mundo é a história das pessoas. São elas que a vivem, a transmitem e a deixam registrada através de palavras e traços. A maior parte dos enredos, contudo, é invisibilizada não só pela limitação do tempo, mas por paredes físicas, que definem a esfera do privado. Mesmo acontecendo no âmbito interno, tais histórias tem impacto direto na camada pública, que configura a sociedade, permeando vidas, características físicas e tradições.

A construção do Nordeste, por exemplo, perpassa uma série de elementos históricos e culturais construídos no imaginário popular e propagados não só no interior da região, mas em todo o país. Recheado de simbolismos e histórias que se manifestam nos mais diversos tipos de linguagens.

Ainda hoje, a região é predominantemente retratada como um espaço masculino, onde predomina o sol e a secura da terra. Desde Os Sertões, de Euclides da Cunha, passando por obras literárias que se tornaram referência sobre a questão, até textos jornalísticos publicados diariamente, que apresentam a imagem do homem bruto, provedor, e da mulher submissa.

Para além das questões marcadas pela geografia, a mulher dos interiores cearenses enfrenta, também, um espaço com estruturas sociais baseadas no patriarcalismo. A construção da figura feminina é orientada por parâmetros históricos, cultural e socialmente naturalizados, que definem seu lugar e as atividades que deve ou não exercer pelo gênero a que pertence.

Em referência a região sertaneja, SOUZA (2010) afirma que tanto as relações econômicas quanto as de gênero ainda mantém nítidos alguns traços da era colonial. “De um lado, uma agricultura de subsistência; de outro, uma estrutura patriarcal, na qual o trabalho duro das mulheres torna-se invisível, enquanto sua sexualidade e liberdade de ir e vir são altamente controlados”¹

Esse sistema, que restringe o papel da mulher à esfera doméstica, invisibiliza suas atividades e lutas diárias, definindo seu lugar e as atividades que deve realizar.

¹ SOUZA. Maria Aparecida de O. *As mulheres trabalhadoras rurais e suas experiências de vida*, p. 2.

O espaço da casa, que se prolonga para os quintais e muitas vezes se confunde com o roçado, é da mulher, não considerado área de trabalho, em que são desenvolvidas atividades percebidas como mais leves e necessárias à reprodução da família. Entretanto, quando as mulheres extrapolam os limites da casa e do quintal e chegam ao roçado, o que acontece frequentemente, o trabalho por elas desenvolvido é considerado extensão das suas atividades domésticas, referentes ao seu papel de dona-de-casa, esposa e mãe. (ARAÚJO, 2003, pág. 66)

Portanto, mesmo quando a mulher se torna protagonista no ‘espaço masculino’, seu trabalho é banalizado, caracterizando-se como um auxílio ao marido ou ajuda à renda familiar.

O enfrentamento a essas estruturas, contudo, têm ganhado cada vez mais destaque através de movimentos organizados pelas mulheres. NOVAIS (2009), explica que as mulheres, mesmo que ofuscadas pelo domínio reservado aos homens, “conseguiram certa visibilidade através da História da Vida Privada que proporcionou uma maior inserção das mulheres no fazer histórico, associada à História Social com foco nas identidades coletivas”.

Em âmbito mundial, a questão sobre os debates de gênero e sua quebra de paradigmas ganha maior visibilidade na segunda metade do século XX¹, com a atuação coletiva feminina, que transpõe a esfera do privado e propõe novas formas de enfrentamento às estruturas de dominação masculinas.

Em “Gênero, Poder e Empoderamento das Mulheres”, Ana Alice Costa, discute os papéis atribuídos à figura feminina e expõe o conceito de empoderamento. Segundo ela, o conceito de empoderamento, ou *empowerment*, surge na década de 70, nos Estados Unidos, com os movimentos de direitos civis através da bandeira do poder negro.

O termo passou a ser utilizado pelo movimento das mulheres ainda nos anos 70, com o objetivo de combater a subordinação feminina, e alterar as estruturas e processos que reduzem sua posição baseada no determinismo biológico. Na definição de COSTA, as mulheres tornam-se empoderadas por meio da “tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais”.

¹ NOVAIS, Suzimar dos Santos. *Mulheres Sertanejas: política, sociedade e economia (1840-1920)* 2010, p.3.

O estudo sobre a insubordinação feminina em âmbito nacional é analisado por NOVAIS (2009), que apresenta movimentos e ações individuais realizadas por mulheres do Sertão da Ressaca entre 1920 e 1940. Nesse interim NOVAIS cita o trabalho de Maria Odila Leite da Silva Dias:

Também de relevância histórica no Brasil é o estudo de Maria Odila Leite da Silva Dias, “Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX”, minucioso trabalho que analisa sob múltiplas facetas o papel das mulheres menos abastardas, os diversos meios de inserção na sociedade e as estratégias utilizadas que não as qualificam apenas como vítimas, mas sobretudo agentes que protagonizaram diversas formas de poder e que em determinadas circunstâncias subverteram a ordem social vigente, atuando como chefes de família responsáveis pelo gerenciamento econômico, originando a organização matrifocal dos grupos familiares (NOVAIS, 2009, p. 4).

As matriarcas, símbolos de combate à essa estrutura, uma vez que subvertem os valores pregados por essa sociedade, são figuras apresentadas há séculos. Contudo, a formação do campo historiográfico relacionado a elas, assim como à mulher em um termo mais amplo, se constitui de forma mais contundente no meio acadêmico a partir da década de 80 (NOVAIS, 2009).

No Brasil, autores como Gilberto Freyre, fazem referência a essas mulheres, porém refutando a ideia de um matriarcado.

A possibilidade da mulher velha, principalmente viúva de tomar decisões em relação ao grupo familiar é enfocada por alguns autores quando se referem a uma substituição da figura do chefe de família. Gilberto Freyre em *Sobrados e Mocambos*, vol.1 (1977), fala em diversas ocasiões, de mulheres que assumiram o papel de senhor patriarcal. Na introdução à segunda edição, refuta porém a idéia de um matriarcado: “Matriarca houve, no Brasil patriarcal, apenas como equivalentes de patriarcas, isto é, considerando-se matriarcas aquelas matronas que, por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão a predisposições ou característicos masculinóides de personalidade, foram às vezes os ‘homens de suas casas’” (p.LXXIX). (BARROS, 1980, p.51)

Na definição de FREYRE (1977), essas mulheres se portam como os homens da casa, ressaltando que essas são funções masculinas e, portanto, “exacerbadas” para uma mulher.

A mulher do interior cearense, e vale acrescentar, a matriarca do interior cearense, contudo, não se define por esse discurso, assim como pelas imagens corriqueiramente utilizadas para caracterizá-las. Esse confronto à imagem de agente passivo é tão visível que em contraponto às primeiras definições existem, também, aquelas que apresentam a mulher nordestina como aventureira corajosa e resistente.

No Ceará, são conhecidas as histórias das matriarcas que governaram terras e

influíram em episódios políticos durante o século XIX. Dentre estas, destacam-se Dona Bárbara de Alencar, Marica Macedo e Dona Fideralina de Lavras. A última, famosa por seu destemor e arrogância, teve sua biografia lançada em 2017 pelo pesquisador Dimas Macedo, além de ter sido personagem de um artigo produzido por Rachel de Queiroz e Heloísa Buarque de Hollanda em 1990.

Sobre a representação destas mulheres na mídia e na historiografia, HOLLANDA (1997) ressalta que “nossos escritores tiveram e têm o estranho prazer em apresentá-las como figuras barbarizadas, opressoras, em geral caricatas”, em contraste a forma forte, independente, poderosa, por vezes cruel, como realmente se apresentam. Alguns dos atributos das matriarcas cearenses no século XIX são destacadas por QUEIROZ e HOLLANDA em *Matriarcas do Sertão*:

“Levavam uma vida rústica relativamente distante dos padrões culturais europeus que, na época, moldavam as sociedades do litoral nordestino. No sertão, exerciam grande poder de liderança, tendo controle total de seus feudos regionais. [...] Começam a exercer seu controle em um âmbito mais restrito, o familiar, e terminam por englobar a rede de poderes que liga, de forma bastante específica no interior do Nordeste, o Estado, a Igreja e a família.” (HOLLANDA; QUEIROZ, 1990)

O perfil das matriarcas na mídia também é restrito. Grande parte das notícias sobre estas mulheres se limitam a apresentação de senhoras, acima de 70 anos, com um grande número de filhos. O estereótipo da matriarca mãe, senhora e geralmente detentora de terras se justifica pelas personalidades marcantes dos anos 1800, uma vez que as mulheres dessa época casavam-se jovens e passavam boa parte da vida sob a figura do marido.

Além disso, para que a mulher conseguisse destaque na posição de matriarca era necessário que ocupasse uma posição econômica elevada. “Não há exemplo de mulher do povo que fosse matriarca, porque certamente se fossem mulheres pobres seriam esmagadas pelo próprio ambiente em que viviam” (QUEIROZ; HOLLANDA, 1997).

Mas a observação é feita a partir do campo historiográfico que analisa apenas a esfera pública, bem como uma época passada. A figura da matriarca mãe, com idade avançada continua sendo significativa, pois corresponde a parte das mulheres nessa posição, mas a ausência de outras representações na mídia limita o termo e invisibiliza outras categorias nele inseridas.

Outro ponto é o local onde essas histórias são apresentadas. Quando falamos em Nordeste ou Ceará, e principalmente sobre as narrativas do povo cearense, é comum a

imagem da seca, com terra quente e do sol a pino, virem a mente. Isso se dá pela vasta gama de produções culturais que priorizam este espaço e suas prerrogativas. Mas para além delas, a região também é marcada por narrativas e características específicas do litoral e da serra. Sendo assim, observa-se também uma limitação de representações destas mulheres fora do sertão.

1.2 Fundamentação Teórica

Os conceitos de ‘matriarcado’ e de ‘patriarcado’, bem como matriarca e patriarca, especificamente, ainda são diversos e variam de acordo com o campo de estudo no qual se inserem. Em um artigo no qual discutia o arquétipo da Grande-Mãe desde a pré-história até os dias atuais a antropóloga Rosalira OLIVEIRA (2005), destaca que:

“(…) parece haver uma espécie de confusão semântica: enquanto o termo “matriarcado” diz respeito a um “governo feito pelas mães”, os termos “matrifocal” e “matricêntrico” referem-se à idéia de uma sociedade centralizada na mulher, mas não obrigatoriamente governada pela mulher. Já o termo “patriarcado” significa literalmente “governo feito pelos pais.” (OLIVEIRA, 2005, pág.4)

Já NARVAZ e KOLLER (2006), em seu artigo sobre os papéis familiares e o patriarcado, utilizam conceitos de MILLET e SCOTT para explicar que o termo patriarcado não se refere propriamente a pai:

“Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (Millet, 1970; Scott, 1995).” (NARVAZ; KOLLER, 2006)

Para a construção deste projeto, utilizei como base a definição de matriarca apresentada por HOLLANDA:

Numa descrição curta e seca, bem distante do prazer narrativo que lhe despertam as histórias de vida das matriarcas, assim define Rachel essa personagem da cena nordestina: “ser matriarca é criar seu espaço de domínio próprio assumindo uma relação de poder e de decisão sobre o grupo familiar.” (HOLLANDA, 1997)

Uma observação que faço é sobre a constituição da família, acima apresentada. Em outro trecho da obra, que trata do sertão colonial, a autora aponta o Estado e a Igreja como extensões da família. Desta forma, o conceito da família matriarcal não encontra pilar na maternidade, mas no poder exercido pela mulher em determinada instância, seja pública ou privada. E apresenta outra particularidade do conceito nesse período:

“É ainda importante notar que a própria idéia de família era de certa forma particular e ia se construindo em função de variáveis próprias. Um bom exemplo neste caso é o sistema de compadrio, central na constituição do “espaço de domínio próprio” de nossas matriarcas.” (HOLLANDA, 1997)

Ainda segundo Hollanda, o termo matriarca, como feminino de patriarca é inadequado, pois nem o comportamento, nem a inserção social e as formas de sexualidade que caracterizam essas mulheres nordestinas, escapam do modelo patriarcal.

As matriarcas sertanejas, mais conhecidas em nossa historiografia, possuíam uma natureza autoritária em sua liderança e os seus envoltimentos amorosos eram baseados na sujeição de parceiros de condição social inferior. Mas, mesmo reforçando a lógica do patriarcalismo rural brasileiro, sua extensa repercussão no tempo e espaço de certa forma desmontam os modelos tradicionais com que se costuma caracterizar a submissão feminina.¹

Autoras como HOLLANDA, OSTERNE, NOVAIS e SOUZA foram utilizadas nas análises sobre o interior nordestino, gênero e questões próprias da esfera privada, levantadas durante suas construções. Como referências para a estrutura do livro-reportagem foram utilizados conceitos de PENA, LIMA e TCHEKHOV, referências neste tipo de produção.

Houve ainda uma análise bibliográfica e imersiva relacionada a história e estrutura da cidade, que integram a constituição do espaço geográfico/simbólico, bem como seu desenvolvimento, regionalismos e concepções.

¹ HOLLANDA, Heloísa Buarque de; QUEIROZ, Rachel de, *Matriarcas do Sertão*, 1990.

1.3 Justificativa

Nas representações tradicionalmente relacionadas ao imaginário cearense, o homem é apresentado como uma figura forte, o chefe e provedor da casa, enquanto à mulher é delegado um papel secundário, como filha, mãe e esposa.

A historiografia tradicionalmente tem tratado as mulheres rurais brasileiras como subordinadas, dentro de suas famílias, muitas vezes passando direto da autoridade dos pais e dos irmãos, para a dos maridos e dos filhos mais velhos (SOUZA, 2010 p. 4)

Enunciados como esse, repetidos reiteradamente, tem efeito de verdade. De acordo com SOUZA (2010), é a partir desses discursos que se inventa a tradição, “que servirá muitas vezes como indicativo para moldar o comportamento dos sujeitos”. Em contraponto a esse cenário, contudo, existem os movimentos das mulheres, que faz um deslocamento do lugar a elas atribuído.

Para além dos movimentos realizados pelas mulheres, não só no Ceará, mas os diversos movimentos que atualmente lutam pela igualdade de gênero, o enfrentamento às estruturas machista e patriarcal há muito já acontece.

Em uma época que muito se fala sobre empoderamento feminino e sua necessidade, é imprescindível compreender que os silêncios da história não se concebem pela ausência do confronto, mas por vozes que foram abafadas pelos muros que delimitam a esfera doméstica e por discursos culturalmente disseminados.

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família. (COSTA, Ano: ?, p. 9)

A mulher dos interiores cearenses, e em específico neste caso, a matriarca, situa-se predominantemente na esfera do privado, e muitas vezes sem um conhecimento do que sua posição representa.

Uma vez que se encontra na esfera do privado sua posição não é corriqueiramente vista e mesmo quando notada, é comum que seja banalizada, pois devido à crença popular, aquele é o lugar do homem, o qual ela ocupa apenas por infortúnios do destino.

Sendo assim, é importante desvendar e compreender as semelhanças e variações entre as mulheres cearenses neste novo contexto sociocultural e como elas se posicionam frente a realidade que lhes é atribuída.

Segundo PENA (2008), um dos objetivos do livro-reportagem é explorar situações do cotidiano, o chamado ‘mundo ordinário’. Portanto, uma das propostas mais relevantes nesse livro-reportagem é sua finalidade social, uma vez que objetiva ampliar a voz dessas mulheres. Mulheres que, muitas vezes sem saber, se afirmam como exemplos de força e resistência.

Além disso, o trabalho apresenta não apenas suas trajetórias individuais e coletivas, mas faz um retrato sociogeográfico de Paraipaba - CE, tendo como pano de fundo a cheia de 1964, as tradições e as mudanças físicas e no imaginário social.

A escolha pela abordagem do local abre margem para discutir como histórias, mesmo aquelas próximas a nós, estão se perdendo junto a fatos históricos. Como essas narrativas interiores não tem espaço em grandes veículos midiáticos ou que, mesmo recente, não vem sendo registradas em livros de história.

Neste sentido, abordo o passado recente por sua relevância para compreender a constituição do presente posto que ver a histórias das pessoas, do cotidiano, privado, é ver a história do povo, em um sentido mais amplo, especialmente em pontos similares.

1.4 Objetivos

O objetivo deste trabalho é apresentar e desvendar histórias de matriarcas do interior do Ceará, cujas trajetórias se repetem e refletem não só a estrutura local, mas a histórias das mulheres que vieram antes delas. Para aprofundar-se nesta segunda questão, optou-se por narrar histórias de dez mulheres de uma mesma família, misturando gerações, marcos históricos e temáticas socialmente relevantes.

Os objetivos específicos perpassam o município de Paraipaba - Ce, onde a maior parte das histórias acontece, a fim de explorar e registrar aspectos de sua história e cultura, usando como base a trajetória das personagens centrais.

A ideia é ampliar o conhecimento sobre a condição feminina nos interiores cearenses, contestando o papel feminino tradicional e compreendendo seus deslocamentos cotidianos. Além disso, também é imperiosa a discussão acerca da construção da história através da intergeracionalidade e como costumes e tradições se perpetuam e se alteram ao longo dos anos graças a este formato.

2 SUPORTE ADOTADO

O livro como suporte jornalístico data do século XVI¹ e, no contexto atual, apresenta-se como uma alternativa para a produção de reportagens em profundidade, além de possibilitar novos estilos narrativos e sair das amarras dos jornais diários.

Este modelo vem ganhando destaque no mercado editorial e entre os leitores. De acordo com ROCHA e XAVIER, alguns dos motivos para o aumento no número de publicações de livro-reportagem são:

A queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hard news. (ROCHA; XAVIER, 2013)

Outro ponto interessante no formato é a liberdade de escrita, com reflexões e construções mais literárias, a possibilidade de se captar a subjetividade das personagens, bem como para apropriação de regionalismos linguísticos na própria escrita do texto.

O projeto final se apresenta no formato livro-reportagem, agregando características estilísticas do romance-reportagem e do chamado Novo Jornalismo. Em *Jornalismo Literário*, PENA (2008), define o Novo Jornalismo como inovador uma vez que explora “as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas”.

O Novo Jornalista se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skin reporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, a trilha epidérmica, o cheiro de suor. Nas palavras de Boyton, deve-se fazer uma imersão completa e irrestrita na tentativa de construir uma ponte entre a subjetividade perspectiva e a realidade observada. Para isso, no entanto, o repórter encara a fronteira entre as esferas pública e privada de forma mais arrojada, quase propondo o seu desaparecimento, o que não é uma tarefa fácil. (PENA, 2008)

O objetivo é, portanto, traduzir a observação em uma narrativa aprofundada, com

diversas perspectivas, narrativas e subjetividades que se entrelaçam e de modo que a reportagem possa ser lida como um romance.

3 ESTRUTURA DO TRABALHO

3.1 Elaboração da pauta e pré-produção

Relutei muito em contar essa história em sua forma final. A ideia inicial era distante, em um contexto pessoal e geográfico. Cheguei à orientação com o intuito de viajar para o sertão central do Estado, para buscar narrativas de matriarcas sertanejas. Meu ponto de partida, contudo, era sempre o mesmo: a trajetória de minha avó, suas problemáticas e semelhanças na vida privada de tantas outras mulheres.

Para isso realizei pesquisas bibliográficas sobre o tema e o espaço onde desenvolveria a pesquisa. Após algumas conversas sobre a motivação, justificativa e delimitação do local, percebemos a relevância da história que me fez querer contar outras.

Encarou-se a possibilidade, tendo em vista não só a proximidade que tinha com a cidade, – um dos meus receios – mas a familiaridade com a personagem, que proporcionaria uma profundidade ainda mais forte e significativa. A pesquisa então voltou-se para uma análise sobre Paraipaba, sua história, características geográficas, bem como socioculturais.

3.2 Apuração

O trabalho ganhou novas formas durante as pré-entrevistas. A priori, o livro contaria a história de uma única personagem: Rosalba. Comecei entrevistando três de suas filhas, no primeiro semestre de 2019. Foi quando percebi a riqueza de suas narrativas individuais, bem como os reflexos, não só de sua mãe, mas entre elas mesmas.

¹ ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia, O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico, 2013.

As entrevistas com todas as personagens principais (filhas) foram realizadas presencialmente, ao longo de diferentes meses em suas próprias casas, em diferentes cidades. As demais entrevistas também foram realizadas neste formato, exceto aquelas que se encontravam em outros estados, cujo contato foi feito via telefonemas. Todas foram captadas através de um gravador e de anotações.

Nesse período, as pesquisas bibliográficas seguiam, não apenas sobre a cidade e eixos centrais, mas sobre elementos que surgiam ao longo das conversas, tais como produtos locais, termos, problemáticas sociais e eventos tradicionais. Para isso, foram consultados livros, artigos, teses e matérias jornalísticas em veículos web. Essa segunda coleta de dados foi realizada entre o primeiro semestre de 2019 e de 2020.

A fotografia foi utilizada como fonte documental, – registrando locais, episódios e personagens – inserida no produto final, de forma a contribuir para uma maior imersão narrativa.

3.3 Edição

O livro se divide em nove capítulos, que apresentam dez narrativas diferentes: uma mãe, cuja história guia todo o enredo do livro de forma linear, da infância à vida adulta, e suas filhas. As narrativas das últimas conectam-se à primeira, não por ordem de nascimento, mas pelos temas abordados em cada um de seus enredos. Sendo assim, cada capítulo dá vazão a duas trajetórias distintas, mas complementares para o todo.

A cidade de Paraipaba também aparece como personagem indireta, que permeia toda a trama, desde antes de seu nascimento, até o ano de 2020.

O projeto final se apresenta no formato livro-reportagem, agregando características estilísticas do romance-reportagem e do chamado Novo Jornalismo. Para isso, as histórias foram divididas em temas e sobrepostas de modo que se conectassem.

Para aproximar o leitor das personagens foram utilizados trechos que se aproximassem da linguagem oral, bem como aspas literais, escritas de acordo com suas falas. Também foram incluídas ilustrações e fotografias referentes às personagens.

Também optou-se pela inclusão de dados e reflexões mais diretas em determinados pontos. Para não interferir na linearidade do texto, estas partes foram

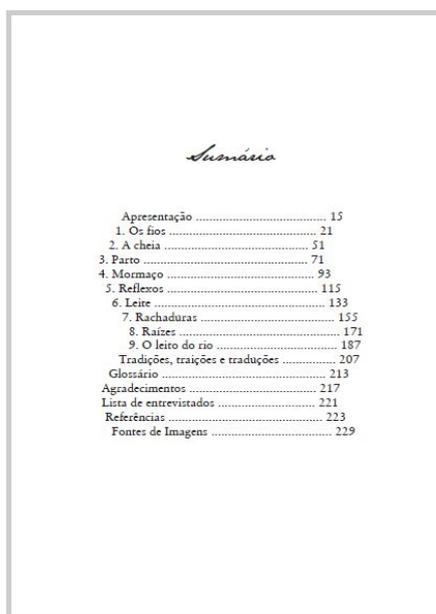
inseridas de forma a distinguir-se do corpo de texto principal, como um aditivo.

3.4.1 Nome

O título do trabalho faz referência ao nome da cidade, Paraipaba, que significa “águas correntes”, em tupi; e a um percurso, fazendo uma associação entre água e vida: o leite como caminho e destino, para águas e mulheres. É também um trocadilho com Leite, sobrenome das personagens.

3.4.2 Projeto Gráfico

O projeto gráfico foi pensado com a premissa de trazer simplicidade e fluidez, utilizando traços, elementos da água e da escrita à mão. Para isso foram utilizadas tipografias cursivas para títulos de efeito, como o dos capítulos, e fontes serifadas, que dão a ideia de um conteúdo mais clássico e/ou antigo.



<i>Sumário</i>	
Apresentação	15
1. Os fios	21
2. A cheia	51
3. Parto	71
4. Moiragem	93
5. Reflexos	115
6. Leite	133
7. Rachaduras	155
8. Raízes	171
9. O leite do rio	187
Tradições, traições e traduções	207
Glossário	213
Agradecimentos	217
Lista de entrevistados	221
Referências	223
Fontes de Imagens	229

Figura 1: Exemplo de uso das tipografias

Outro detalhe importante no texto é a inserção de dados ou referências, caracterizado por um recuo no texto. O tamanho da fonte permanece o mesmo, mas ganha corpo itálico quando o texto apresenta citações diretas.

O segundo ponto veio da constituição familiar. Ela, criada por uma mulher, agora via-se na mesma posição, com uma família composta por uma mãe e uma filha. "Não tivemos pai. Não fez falta, porque a mãe foi um pai e uma mãe e ela nunca deixou a parte paterna fazer falta, nunca", Kelly disse durante uma tarde. A fala se repete com frequência entre as filhas, dita com orgulho sem atentar-se que uma mãe não precisa assumir tal posto. A imagem de Batista, por exemplo, pouco dizia à Keila. Era anedota e traços em uma outra fotografia amarelada.

O fato não só é comum, como vem crescendo em todo o Ceará. É o que mostra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 2012 e 2018. De acordo com o estudo, o número inicial de 954 mil mulheres na condição de chefe, em suas residências, saltou para 1,4 milhão ao longo destes sete anos, um aumento de 46,7%. A pesquisa considera responsável pelo domicílio a pessoa de referência indicada no momento da pesquisa. No total, a proporção de lares com mulheres na condição de liderança, em todo o Estado, foi de 37,5% para 47,1% entre o período de apuração. Keila era uma delas, ainda que não tivesse consciência disso e do que esse fato significava, propriamente.

Criou Sara com o apoio da mãe e da sogra, o pai de sua filha dava, mas cobrava com críticas, sobre a maneira que fazia isso. Anos depois sua irmã viria em seu encaixo uma vez mais e diria com todas as letras a falta de reconhecimento que tinham pela outra e todas as dificuldades pela qual passou para ver sua filha crescer e tornar-se mulher.

Figura 2: Exemplo de recuo

As ilustrações de abertura dos capítulos foram utilizadas com a ideia de personificar aspectos das personagens, mas sem defini-las em uma única imagem, posto que cada capítulo é dedicado a duas mulheres diferentes. Buscou-se fazer referência à ambas, mas também à temas levantados em suas narrativas particulares. Apesar disso, todas trazem traços e elementos comuns, tais casa, água e/ou sol.



Figura 3: Exemplo de abertura de capítulo

Já a ilustração de capa foi feita em conjunto com o ilustrador Lucas Casemiro, que deu cor e vida para um esboço inicial. A arte foi pensada de forma que incorporasse os

elementos principais do livro, tais como a figura feminina, com cabelos escuros; a casa, como parte de si; a enchente; o sol quente; as palavras; e as tramas do tecido.



Figura 4: Ilustração de capa

4 CONCLUSÃO

As diferentes imagens que hoje cercam a mulher cearense são construídas em universo marcado pela desigualdade de gênero e por movimentos que buscam contrapor essa realidade. Neste meio, inserem-se as relações de poder, as tradições, os episódios particulares e o imaginário local.

As conclusões são diversas e particulares a cada um, mas o desenlace dos enredos não existe. Este livro é sobre a vida das águas e o percurso das mulheres, que se entrelaçam e ganham formas conforme passam os dias. Caminhos traçados pelo contexto em que se encontram, mas que por escolhas ou causos, transformam a si e aos outros

Nelas, o passado se torna presente e momentos despercebidos, por sua simplicidade e constância, voltam com uma carga de emoção. Os detalhes se manifestam na borda dos olhos e nas linhas em volta da boca, tão semelhantes entre mulheres que compartilham não apenas o sangue, mas as realidades.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cédina Maria de Araújo. Mulheres e desigualdades de gênero. 2003, p.63-68. In.: CARVALHO, Marília Pinto de; PINTO, Regina Pahim. (Orgs.) *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008. – (Série justiça e desenvolvimento/IFP-FCC).
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice, 1980, p.11-70. In.: BARROS, Myriam Moraes Lins de; PRADO, Rosane Manhães. *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 1981.
- CAMPOS, Pedro Celso. *Gêneros do Jornalismo e Técnicas de entrevista*. Estudos em Jornalismo e Mídia. Santa Catarina: UFSC, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127/10422>
- COSTA, Ana Alice. *Gênero, Poder e Empoderamento das Mulheres*. Ano. Disponível em: <https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamento-ana-alice.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2017.
- DJIK, Teun A. Van. *Discurso e Poder*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. 4ª ed. - São Paulo: Editora Manole, 2008.
- NOVAIS, Suzimar dos Santos. *Mulheres Sertanejas: política, sociedade e economia (1840-1920)*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1143.pdf>. Acesso em 17 de novembro de 2017.
- OSTERNE, Socorro. *Violência nas Relações de Gênero e Cidadania Feminina*. Fortaleza: Eduece, 2008.
- PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. 1.ed. – São Paulo: Contexto, 2008
- ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cíntia. *O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico*. Rumores, número 14, volume 7. Julho-dezembro, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/rafae/Downloads/69434-91921-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/rafae/Downloads/69434-91921-1-SM%20(1).pdf). Acesso em 23 de novembro de 2017.
- SEIERSTAD, Asne. *O livreiro de Cabul*. 16ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SOUZA, Alexandre Rodrigues de. *A “Dona” do Sertão: mulher, rebelião e discurso político em Minas Gerais no século XVIII*. UFF, 2011. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1539.pdf>. Acesso em 17 de novembro de 2017.
- SOUZA, Maria Aparecida de O. *As mulheres trabalhadoras rurais e suas experiências de vida. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: história e política*. Recife, 26

a 30 de abril de 2010. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

TCHEKHOV, Anton. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELOS, Helenira. *Dinâmicas sucessórias de agricultores familiares: projetos vivenciados por famílias de colonos do Projeto Curu Paraipaba, CE*. Fortaleza, 2011. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6295/1/2011-TESE-HEMVASCONCELOS.pdf>. Acesso em 23/05/2020.

_____. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em 24 de maio de 2020.

_____. *Cadernos de Saúde Pública vol.30*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-311X20140013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 3 de março de 2020.

_____. *Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto*. Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Acesso em 28 maio de 2020.

_____. *História de Paraipaba*. Resumo sobre personalidades e marcos históricos do município. Consultado na Biblioteca Afonso Barroso Cordeiro em Paraipaba em 2 de março de 2020.

_____. *História de Paraipaba - Ce - Br*, 2017. Disponível em: <http://jornalparaipaba.blogspot.com/p/brevehistoria-de-paraipaba-ce.html>. Acesso em 13 de janeiro de 2020.

_____. *Município de Santa Isabel do Ivaí*. Cidades do meu Brasil, ano. https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pr/santa_isabel_do_ivai. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

_____. *WHO recommendations: intrapartum care for a positive childbirth experience*. World Health Organization, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241550215>. Acesso em 26 de maio de 2020.

APÊNDICE A - LISTA DE ENTREVISTADOS

1. Ana Maria - filha de Rosalba
2. Creuza - filha de Rosalba
3. Gleiciane - filha de Rosalba
4. Irismar - irmã de Rosalba
5. Keila - filha de Rosalba
6. Kelly - filha de Rosalba
7. Lucileide - filha de Rosalba
8. Lucimeire - filha de Rosalba
9. Mazinha - irmã de Rosalba
10. Pequena - irmã de Rosalba
11. Zuíla - cunhada de Rosalba
12. Zuleide - filha de Rosalba
13. Zulene - filha de Rosalba